

cias e Estudos Sociais. Nesse intervalo, estaremos, periodicamente, em contato com os professores participantes, em seus locais de trabalho no meio rural.

Embora valorizando a linguagem e as formas de saber dos participantes, tem-se procurado ampliar sua visão em assuntos diversos.

Um motivo que nos orienta nessa atividade de extensão (que vem-se transformando em pesquisa-ação) é a crença de que, garantindo, de alguma forma, a esses professores o direito de acesso a formas mais elaboradas de saber, estamos contribuindo, inclusive, para sua organização enquanto um setor das classes subalternas.

Os primeiros resultados dessa experiência em andamento já se fizeram sentir. Ao término da primeira etapa, as vinte professoras participantes elaboraram um requerimento com reivindicações trabalhistas, entregue por elas à Câmara Municipal, em sessão à qual compareceram. Esse mesmo grupo de professoras discutiu durante a 1ª etapa do curso, a criação de uma Associação para a defesa dos interesses da categoria.

Assim, em 15 de outubro de 1985, dia do professor, foi fundada, com o nosso assessoramento, a Associação dos Professores Rurais Leigos de Capelinha, cuja diretoria provisória é a seguinte:

- Presidente: Etelvina Martins Gomes  
Vice-presidente: Maria das Dores Andrade Cordeiro  
1ª Secretária: Maria do Socorro Paranhos  
2ª Secretária: Georgina Rodrigues Pêgo  
1ª Tesoureira: Serafina Fernandes de Macedo  
2ª Tesoureira: Neuza Ferreira Domingues

No dia 31 de outubro p. p., foi realizada a primeira assembléia geral da categoria, para aprovar o estatuto da associação, e deliberar sobre a participação da entidade na elaboração do Estatuto do Magistério Municipal e Plano de Carreira dos professores leigos, atualmente em discussão no Órgão Municipal de Educação de Capelinha.

## Integração de conteúdos na escola de 1.º grau a partir das experiências dos alunos

Francisca dos Santos Gonçalves \*\*

Desde 1982 estamos desenvolvendo um projeto, que faz parte do Programa de Integração da universidade com o ensino de 1º grau, promovido pela SESU (Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação). O trabalho se divide em duas etapas. A primeira, realizada no primeiro semestre de 1983, em duas escolas localizadas em Mariana e em Ouro Preto, junto ao ICHS/UFOP (Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto). \*A segunda etapa está em andamento, agora junto à FAE/UFMG e a uma escola da rede municipal de Belo Horizonte.

Na primeira etapa, a equipe de trabalho foi constituída por nove estagiários, um auxiliar de coordenação,

\* Essa etapa do trabalho teve o Professor Oder José dos Santos como consultor durante o processo de planejamento, realização e avaliação. Além do suporte teórico, ele nos deu todo apoio com a sua presença, sua força, seu interesse pela experiência. Aproveitamos esse momento para reiterar a ele os nossos agradecimentos.

\*\* Professora Assistente do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação/UFMG.

um coordenador e um consultor pedagógico.

O trabalho, limitado a apenas duas horas por semana em cada turma, foi realizado com oito turmas: duas de 1ª série, três de 2ª série e três de 3ª série, com o objetivo de integrar Estudos Sociais e Comunicação e Expressão, em uma dinâmica de envolvimento do aluno no processo de elaboração do conhecimento, a partir de sua realidade, buscando discutir os problemas da prática social e instrumentalizar o aluno para refletir e se posicionar de forma consciente e comprometida com a luta pela transformação social.

A busca da participação efetiva do aluno e do professor no processo de elaboração do conhecimento norteia essa experiência, na tentativa de quebrar a divisão entre o pensar e o fazer. Partimos do princípio de que é fundamental mudar a prática pedagógica, romper na escola o vínculo de dominação e de dependência, que tem como um de seus suportes a concepção de um saber pronto e acabado, monopolizado pelo professor.

Na busca dessa mudança, estamos tentando desenvolver uma metodologia que viabilize a elaboração do conhecimento a partir do "saber" das crianças. Ao invés de repassar um conteúdo que nada tem a ver com a realidade, as experiências e interesses delas; ao invés de incentivar a memorização, o cumprimento de tarefas, a passividade e a dependência, passamos a pensar e aprender juntos no dia-a-dia da sala de aula. A preocupação central é a valorização de cada criança e do grupo. É fundamental que cada uma adquira confiança em si mesma e nos colegas, e que todos aprendam a se valorizarem mutuamente, descobrindo os interesses e objetivos comuns, a força e o significado do trabalho coletivo para a realização desses objetivos. Acreditamos que, no processo de socialização, esse é um passo muito importante, no sentido de preparar para a conquista de uma nova sociedade, onde o individualismo não prevaleça. Esse é um exercício sistemático no sentido de união, coesão e busca de auto-organização pelos mesmos objetivos.

Para operacionalizar essa proposta, começamos por conversar com as

crianças sobre o trabalho que íamos desenvolver, sobre a importância da participação e da colaboração de todos. Em cada série as crianças pensavam, discutiam, falavam, elaboravam, partindo de questões diretamente ligadas à vida delas. A análise das idéias captadas levou à identificação dos seguintes conceitos: trabalho, grupo, diferença, relatividade, mudança, transformação, grupos instituídos e organizados; poder e sociedade; que se apresentam como "vias de pensamento", com o objetivo de possibilitar a análise, o raciocínio, desenvolver o pensamento crítico, a capacidade de reflexão e de posicionamento diante da realidade.

Entre esses conceitos, dois foram tomados como categorias de análise e referenciais para o estudo em todas as séries: o de grupo e o de trabalho, considerados fundamentais para a análise e o questionamento da prática social.

De um lado, o conceito de grupo foi explorado como ponto chave para se enfrentar, na escola, o problema do individualismo, da competição, do reforço aos mais capazes e da legitimação das desigualdades sociais. Partimos do princípio de que a educação não é a mola impulsionadora da transformação social, mas é uma das forças que tem maior alcance para contribuir no processo de formação de um novo tipo de homem, crítico, capaz de se valorizar e valorizar o outro, capaz de se organizar, lutar pela valorização do trabalho, por melhores condições de vida, pela real democratização da sociedade.

Acreditamos que a escola tem a sua parcela de colaboração no desenvolvimento desse espírito coletivo, pois contribui, na medida em que parte da realidade, envolve as crianças na problematização da prática social, levando-as a produzir o conhecimento a partir do "saber" que elas trazem e da reflexão sobre a prática que fundamenta esse "saber". Nesse momento, o conceito de grupo instrumentaliza para essa reflexão e facilita a socialização do conhecimento que vai sendo elaborado, na medida em que leva a pensar a prática e o saber em sua dimensão coletiva, tendo em vista resgatar a questão do envolvimento, par-

ticipação e comprometimento, solidariedade e cooperação, demandados por uma prática consciente, voltada para a mudança e a transformação.

Nessa perspectiva, a idéia do coletivo ultrapassa as exigências formais dos diversos tipos de trabalho em grupo, presentes no cotidiano de nossas escolas, onde os "modelos" e as técnicas preconizam a organização, o controle, a racionalização, a produtividade e a eficiência, que, em última instância, promovem os "mais capazes", diluindo as dificuldades e problemas da maioria dos alunos, que simulam estar participando dentro de um processo falso, que anula e prejudica essa maioria.

A concepção de grupo e de coletivo que tentamos desenvolver se funda na idéia de união pela defesa de interesses comuns e se sustenta na prática social, ultrapassando modelos e técnicas pré-determinados.

Desde a primeira série, tivemos a preocupação de discutir com as crianças a importância do grupo, da solidariedade, da cooperação e a grande capacidade de um grupo organizado encontrar soluções para os problemas que íamos identificando na análise da prática social. Criamos uma dinâmica de elaboração de textos coletivos e tentamos vivenciar o espírito de grupo, evidenciando o compromisso de todos na consecução dos interesses comuns, a necessidade do esforço de todos para o alcance da aprendizagem. Durante toda a experiência, buscamos trabalhar o conceito de grupo e a sua articulação com a nossa prática.

De outro lado, exploramos o conceito de trabalho. O trabalho constitui a mola mestra da organização social, é um dos elementos estruturadores da vida, o elo de ligação do homem com a natureza, na busca de recursos para a satisfação de suas necessidades. Por conseguinte, é uma das categorias básicas no processo de elaboração do conhecimento, quando se pensa na integração de conteúdos, quando se propõe a análise e o questionamento da prática social.

Dentro da complexa engrenagem das relações sociais de produção, o trabalho é o eixo principal, precisando portanto, ser entendido em toda a sua dimensão. O homem se torna

peça dessa engrenagem, na medida em que é tratado como objeto confundido com os meios, subestimado, alienado do processo e do produto de seu trabalho. Essa inversão de valores coloca o essencial (o homem) em plano secundário e impede que ele assuma e cumpra o seu papel, em termos de conceber, planejar, projetar, criar e exercer o controle do processo de trabalho. Dessa forma, se garante a divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, entre os que executam e os que pensam. Os que cumprem tarefas, sem a oportunidade de pensar, discutir, expor, questionar suas idéias, constituem a classe marginalizada, oprimida, dominada. Esses sobrevivem, vendendo o seu trabalho em um mercado competitivo, onde a oferta é cada vez maior do que a procura. Em decorrência, os salários são cada vez mais baixos, esmagando o trabalhador, de forma a transformá-lo em uma mera peça dessa engrenagem, da qual ele não tem como fugir, porque depende dela para sobreviver.

O educador das camadas populares tem que enfrentar o desafio dessa realidade, enquanto prática social que precisa ser problematizada, em busca do conhecimento que responda às suas necessidades práticas. Oder mostra que: "decorrem, daí, os pontos de partida e de chegada: detectar os problemas e as necessidades práticas surgidas da situação existencial dessas classes, e captar o "saber" que possuem, e que também é gerado nessa situação, no intuito de tê-los como matéria-prima para a produção de elementos teórico-práticos capazes de negar a situação em que essas camadas se encontram, dando conta de seus problemas". (1)

É nessa direção que tentamos caminhar, explorando o trabalho como uma das categorias de análise que possibilita pensar a prática social de forma concreta e objetiva. O exemplo disso foi a forma como exploramos a questão do trabalho no conteúdo da "fala" das crianças em todas as séries. Partimos da identificação dos elementos que constituem o processo (sujeito, objeto, meio, produto), buscando dis-

(1) SANTOS, 1985. p. 22

cutir a posição desses elementos nas situações concretas de trabalho colocadas pelas crianças, com a preocupação de explicitar o significado do papel de sujeito, a idéia de que o homem tem de lutar pelo controle do processo de trabalho e pela devida apropriação do produto de seu trabalho. Esse é o papel de sujeito, papel que precisa vir a ser conquistado e assumido pelo trabalhador.

Uma ilustração muito rica desse exercício foi o questionamento de um aluno do 2º ano, que discordou da afirmação de que é sempre o homem o sujeito do processo de trabalho, afirmando que a formiga também é o sujeito do trabalho dela.

"Aproveitamos a oportunidade para discutir a respeito da diferença existente entre o trabalho do homem e dos animais.

A partir das próprias idéias e observações das crianças concluímos que:

Os animais, os insetos, os pássaros trabalham por instinto sempre da mesma forma, alcançando sempre o mesmo produto. O formigueiro, por exemplo, e a casa do joão-de-barro são sempre feitos do mesmo jeito.

O homem difere dos animais. Ele pensa, busca alcançar vários fins, sabe o que pretende, usa diversos meios, descobre formas novas para facilitar suas tarefas, moderniza, aperfeiçoa, consegue produtos diferentes e transforma a natureza através de seu trabalho. Na medida em que o homem trabalha e transforma a natureza, ele se torna mais forte, mais hábil, aprende coisas novas, prepara-se para vencer suas dificuldades, transformando-se em um homem cada vez mais capaz.

Homem - sujeito - é o homem que conhece e escolhe o objetivo de seu trabalho, sabe por que e para que trabalha. Quando os homens descobrem as suas capacidades e conseguem trabalhar em grupo, uns colaborando com os outros, eles se tornam ainda mais fortes, mais capazes, desgastam-se menos, produzem mais e têm mais força para se organizarem e lutarem por melhores condições de trabalho e de vida". (2)

Elaborar o conhecimento junto com as crianças é uma tarefa que exige muito do professor, no sentido de captar as idéias, as dúvidas, os questionamentos, as dificuldades e de pensar com elas; colocar novas questões, discutir, tentar sair do superficial, criar um ambiente de estudo, de indagação, de busca, de pesquisa; tentar aprofundar; ir à essência das questões colocadas, sem fugir do objetivo que direciona e orienta o trabalho, ou seja: desenvolver o espírito crítico, a prática de discutir os problemas que emergem de nossa realidade social, a capacidade de encontrar tanto soluções para esses problemas, como caminhos para a transformação dessa realidade.

Para desenvolver esse trabalho, o professor precisa estar consciente de que é um processo que não se deslança de forma natural e espontânea. A partir das idéias, do que vai sendo produzido na sala de aula, ele tem que estar sempre atento, no sentido de estudar, planejar, descobrir:

- questões que mobilizem, que levem os alunos a pensar;
- idéias, conceitos, fundamentos teóricos que ajudem a compreensão da realidade, que orientem a elaboração dos textos coletivos e viabilizem a articulação do saber sistematizado com o "saber" das crianças;
- formas diversificadas para integrar conteúdos, enriquecer, aprofundar e dar continuidade ao trabalho.

Nesse sentido, a sala de aula é um verdadeiro laboratório. Os alunos sempre trazem idéias e questões novas, que possibilitam avançar. Exemplo disso são os textos coletivos que conseguimos produzir com as crianças, integrando Comunicação e Expressão e Estudos Sociais.

Outro aspecto a ser ressaltado refere-se ao problema da disciplina em sala de aula, que deixa de ser controlada, de forma autoritária, pelo professor, e passa a ser pensada junto com os alunos. Em vários momentos enfrentamos essa questão, discutindo com as crianças o principal objetivo delas na escola e o quanto se perdia tempo com a bagunça em sala de aula. Essa discussão se aprofundava com a refle-

xão sobre o significado do trabalho que estava sendo realizado, o quanto era importante que todos aprendessem, a realidade de cada um assumir o compromisso de ser o sujeito de sua própria aprendizagem e de colaborar com a aprendizagem de todos. As crianças se sentiam valorizadas e mudavam o comportamento, quando pensavam sobre a importância do trabalho que estavam realizando e a responsabilidade de todos para se conseguir o produto desejado, ou seja: a aprendizagem, o saber, o conhecimento.

Avançar nessa direção exige uma nova postura da escola, no sentido de passar a envolver os alunos na dinâmica de pensar, avaliar e controlar o processo de trabalho que vai sendo desenvolvido no dia-a-dia da sala de aula.

A avaliação das crianças da terceira série comprova o quanto esse tipo de trabalho foi significativo para elas. Por exemplo:

"Esta aula foi muito importante porque me deu uma força em Estudos Sociais. Nós demos idéias e os nossos professores também deram maravilhosas idéias. A aula foi fácil. Achava fácil seus pontos para estudar. Em poucos instantes ia entrando tudo na minha cabeça". (não identificado).

"Eu achei que agora é mais fácil estudar o ponto de Estudos Sociais porque nós falamos da cidade e do povo, porque nós sabemos os problemas da cidade, da prefeitura e do povo". (Ciro do Carmo Mesquita).

"Eu achei melhor porque a gente não precisa estudar, porque a gente mesmo fez o texto. As idéias foram de nós todos, por isso que a gente não precisa estudar quase nada. Nós agora sabemos coisa do nosso povo de Mariana, às vezes, os adultos não sabem o que a gente aprendeu agora". (Ana Flávia).

"Eu achei muito bom mesmo, porque aprendi muitas coisas de Mariana e posso ensinar a meus irmãos muitas coisas. Eu gostei muito e aprendi muitas coisas que eu não sabia. Eu tenho o prazer de não esquecer esta aula em toda minha vida. Essa aula fala muito do povo de Mariana, os problemas do povo e como melhorar as condições de

(2) GONÇALVES, 1983, p. 75

vida. Trabalhar mesmo e não deixar faltar alimentos na cidade.

Eu achei o comportamento dos alunos bom". (Vicente). (3)

Essa fala das crianças pode ser analisada de diversos ângulos. O que nos parece muito interessante é a nova concepção de estudar, de elaborar o conhecimento, de aprender. Embora ainda exista a idéia de estudar o "ponto", esse estudo se dá de forma muito mais substancial. As crianças se sentem sujeitos do processo, se apropriam do produto do trabalho realizado com a participação de todos. O que elas não perceberam é que, dessa forma, elas estavam estudando muito mais do que antes. A produção dos textos coletivos gerou pesquisas, discussões e exercícios variados. No entanto, essas atividades não pesam para as crianças. Elas aprendem a partir de suas experiências, seus interesses e do trabalho coletivo, sem ser preciso gastar horas com o massacrante dever de decorar o "ponto" para a prova.

O aprofundamento desse trabalho e o significado dele depende muito do professor, que deve estar consciente de que a educação não é neutra e de que ele tem que usar todos os meios possíveis para alcançar os fins a que ele se propõe. Como sujeito responsável pela condução do processo de ensino/aprendizagem, o professor tem que se esforçar por recuperar o controle desse processo e por envolver todos os alunos na elaboração de um saber que seja realmente significativo e que leve ao crescimento do grupo em todos os sentidos.

A primeira etapa dessa experiência foi concluída com a apresentação do livro "Escola, Saber e Vida: relato de uma experiência", que documenta o trabalho realizado. O livro é de distribuição gratuita e pode ser obtido pelo correio, sem nenhum ônus, desde que solicitado por carta, ao Sr. Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, Diretor do ICHS, - Mariana, MG.

A segunda etapa está em andamento, agora junto à FAE/UFMG e a uma escola da rede municipal de educação. Estamos tentando dar continuidade

e aprofundar a experiência anterior, com o projeto de "Desenvolvimento de metodologia para a alfabetização e integração curricular".

Em 1984, o trabalho foi realizado na Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo, com uma turma de crianças consideradas imaturas.

Em 1985, o projeto foi transferido para a Escola Municipal Luigi Toniolo e ampliado para nove turmas de 1ª série.

Partindo das experiências, dos interesses e da realidade dos alunos, estão sendo elaborados textos para a alfabetização e, ao mesmo tempo, estão sendo pensadas formas para integrar todos os conteúdos. Temos a preocupação de buscar uma visão de totalidade, que permita pensar e compreender a realidade em suas diversas dimensões, sem a fragmentação imposta pelo pensamento positivista, que esfacela, segmenta, define e distribui o saber em áreas específicas, condicionando a escola a reproduzir esse saber, para formar homens passivos e submissos, a serviço da manutenção da ordem social vigente.

Além de alfabetizar, temos o objetivo de explorar e desenvolver com as crianças a capacidade de observar, pensar, conhecer "o mundo em que vivemos" e se posicionar diante dele de forma crítica, tendo em vista a sua transformação. Esse é um exercício que busca vincular o saber sistematizado pela ciência com o "saber" da criança, em uma dinâmica que envolve todo o grupo no processo de elaboração coletiva, onde todos se sentem valorizados e se descobrem sujeitos da própria aprendizagem.

Os conceitos de trabalho e de grupo, que direcionaram a experiência em Mariana e Ouro Preto, continuam como ponto de referência teórica para a análise, a compreensão e a problematização da realidade vivida pelas crianças.

Temos tentado trabalhar com os professores, no sentido de pensar formas para integrar os conteúdos, em busca da verdadeira aprendizagem: a construção de um saber que instrumentalize as camadas populares para a luta pela mudança de suas condições materiais de existência. Todos os tex-

tos para a alfabetização foram elaborados com as palavras e expressões das crianças. Estamos empenhados na produção de textos coletivos, que integrem o conteúdo de Comunicação e Expressão, Ciências e Integração Social, tendo como fio condutor a problematização da prática social e a descoberta do papel do homem como sujeito capaz de transformar a sua realidade.

Esse trabalho tem exigido muito esforço para ultrapassar as barreiras que surgem, em decorrência da insegurança da escola diante de uma proposta de mudança que foge aos padrões pré-estabelecidos. Estamos tentando rever os nossos erros e caminhar no sentido de garantir o avanço dessa proposta. Por conseguinte, consideramos de grande importância, idéias, críticas e sugestões que venham contribuir para rever, repensar e aprofundar o referencial teórico que está sustentando a nossa prática.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - EDELSTEIN, G. & Rodrigues, A. El metodo-factor definitorio y unificador de la instrumentacion didáctica. *Revista de Ciencia de la Educación*, Buenos Aires (12): 21-33, 1974.
- 2 - GARCIA, G. A relação pedagógica como vínculo libertador; uma experiência de formação docente. In: PATTO, M.H.S., org. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1981. parte 3, cap. 6, p. 342-60.
- 3 - GONÇALVES, F.S. *Escola, saber e vida*; relato de uma experiência. Ouro Preto, Imprensa Universitária, 1983.
- 4 - PISTRAK. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 5 - SANTOS, O. J. dos. Esboço para uma pedagogia da prática. *Educação em Revista*, Belo Horizonte (1): 19-23, jul. 1985.

(3) GONÇALVES, 1983, p. 138-41